

MÉSZÁROS, István. *O conceito de dialética em Lukács*. São Paulo: Boitempo, 2013.

Danielle Cristine Ribeiro¹

Profundo conhecedor da obra de György Lukács, István Mészáros elabora em *O conceito de dialética em Lukács* – ensaio redigido entre 1967 e 1968² – uma análise crítica que pretendeu “facilitar o estudo da obra multiforme e altamente complexa” de um dos mais influentes filósofos marxistas do século XX. Para esse empreendimento contribuíram tanto o domínio meszariano das tradições culturais e dos processos sócio-históricos e políticos que influenciaram a formação e o desenvolvimento do pensamento de Lukács quanto o estreito relacionamento estabelecido entre os filósofos por cerca de duas décadas³, período em que Mészáros acumulou grande conhecimento do conjunto da obra de seu mentor. Tendo como base os escritos lukacsianos já publicados na ocasião de sua redação, além de parte do material que se encontrava inédito até aquele momento, as observações e notas críticas expostas nesse breve texto conciliam o reconhecimento da grandeza do legado de Lukács e o importante desenvolvimento teórico meszariano.

Nesse ensaio, Mészáros aborda alguns dos textos lukacsianos mais significativos escritos entre as décadas de 1910 e 1960, com o objetivo de demonstrar a *unidade* presente na estrutura geral de pensamento do filósofo. A unidade em questão é que permitiria a apreensão da concepção de *dialética* na obra de Lukács, constituída na suprassunção (*Aufhebung*) de uma etapa anterior em um novo nível. Ao final de cada estágio de desenvolvimento do pensamento de Lukács, a “ideia sintetizadora fundamental” – a necessidade de superar a discrepância entre *Sollen* (dever-ser) e *Sein* (ser) – se conservaria, elevando-se a uma complexidade cada vez maior. Desse modo, suas reflexões puderam passar por sucessivas reelaborações sem que o caráter unitário da obra fosse comprometido pelo movimento interno

¹ Mestre em Ciências Sociais pela UNESP - FFC/Marília.

² Publicado pela primeira vez em 1970, no volume coletivo *Georg Lukács: The Man, his Work and his Ideas*, organizado por George Henry Radcliffe Parkinson e editado por Weidenfeld & Nicolson, em Londres.

³ Mészáros nasceu em 1930, na Hungria, e chegou à Universidade de Budapeste em 1949. Pouco depois, no início de 1951, já era assistente de Lukács – com quem estabeleceu uma profunda relação de trabalho e amizade. Ocupou a função de assistente de Lukács até 1956, quando este foi deportado e o próprio Mészáros deixou o país por ocasião do levante de outubro de 1956. Embora distantes, mantiveram o diálogo através de extensa correspondência até quase a morte de Lukács, em 1971.

que se observa no desenvolvimento do seu pensamento – pois tais mudanças não implicariam necessariamente em ruptura radical.

A principal mudança qualitativa do pensamento lukacsiano se revelaria na sua aproximação do marxismo. Mészáros busca as raízes dessa transformação analisando o período de formação intelectual de Lukács – na sua síntese dialética na juventude e nas tensões internas desta – e todas as sucessivas modificações da sua estrutura de pensamento, articulando-as aos processos sociais e políticos que marcaram a atividade do filósofo. Nesse percurso, confere ao atraso da filosofia húngara a aproximação do jovem Lukács à cultura alemã – em particular à corrente dominante da filosofia alemã⁴ –, e destaca que sua obra não pode ser corretamente interpretada sem a compreensão de que as circunstâncias sociais, políticas e culturais da Hungria afetaram fortemente seu desenvolvimento intelectual.

No período de sua formação inicial, a observação do contexto histórico-social húngaro teria levado Lukács a constatar o atraso em direção ao desenvolvimento capitalista e a profunda crise da burguesia e de sua cultura. As condições sociais heterogêneas – consequentes da multiplicidade de movimentos políticos e ideológicos presentes no país – seriam responsáveis pela situação de imobilidade e impotência social geral. A saída de Lukács para romper as limitações socioculturais húngaras se centrou, então, na forma de um “dever-ser” – à época, formulada sem a mediação de sua postura subjetiva com a realidade objetiva, portanto, recurso insuficiente para incidir na prática social.

Essa perspectiva explica as especificidades poéticas presentes em *A alma e as formas* (volume de ensaios escritos entre 1908-1910), *Cultura estética* (1910) e *A teoria do romance* (1914-1915). Segundo Mészáros, os ensaios reunidos nos dois primeiros livros têm em comum a ausência de um tema central claramente determinado, caracterizam-se mais pelo seu aspecto subjetivo do que por oferecerem pontos de referência objetivos, além de buscarem soluções para problemas parciais. Mas, a percepção cada vez maior de que não pode haver solução em termos de postulados de valores guia Lukács na direção de uma mudança de foco: dos problemas parciais originais para um complexo qualitativamente superior de questões concretas, que se referem à “totalidade” (categoria que seria ainda redimensionada na inflexão marxista do pensamento de Lukács).

⁴ Para Mészáros, embora grande parte da obra lukacsiana seja dedicada às questões alemãs, tais escritos demonstram que o filósofo sempre se colocou a certa distância, tratando os problemas alemães *de fora*. E, mesmo que tais influências tenham exercido seu efeito na orientação posterior de Lukács, este acabou assimilando-as à sua própria maneira, tornando-se inclusive um dos críticos mais radicais das contradições internas do pensamento e da literatura alemã.

O delineamento inicial dessa transformação acontece, segundo Mészáros, em *A teoria do romance*, obra que mantém o espírito da forma-ensaio, mas que também marca a sua consumação. Na sua análise, embora se conserve a estrutura ensaística, a abordagem de um complexo qualitativamente superior de problemas (se comparado aos livros anteriores) faz que com a potencialidade da forma-ensaio seja estendida aos seus limites extremos, evidenciando sua estrutura frágil. Assim, no curso de realização de *A teoria do romance* (e do desenvolvimento lukacsiano), a forma-ensaio inicial é rompida e transcendida. Nos limites da visão que tinha nesse período⁵, Lukács teria observado que a dualidade entre “ser” e “dever-ser” não poderia ser superada na esfera do romance.

Mészáros observa que a resposta aos problemas que até então pareciam insolúveis para Lukács vieram no decorrer de 1917-1918 – sob o impacto da Revolução de Outubro e do final da Segunda Guerra Mundial –, com a mudança de perspectiva teórica que culminaria na identificação com o marxismo. Embora tal identificação tenha lhe atribuído uma configuração qualitativamente nova, essa mudança de perspectiva não encerrou o caráter abstrato presente na concepção dialética de Lukács. O interesse pelo “dever-ser” permaneceu sendo uma dimensão estruturadora fundamental de todo o seu pensamento.

Os problemas do “dever-ser” foram aos poucos se tornando mediados nos textos lukacsianos dos anos posteriores – é o que acontece em ensaios como *Bolchevismo como problema moral* (1918), *Tática e ética* (1919) e *O papel da moral na produção comunista* (1919) –, mas a mudança de perspectiva tem sua plena formulação apenas em *História e consciência de classe* (1923), obra que marca a tentativa bem sucedida de suplantar Hegel e apresenta um conjunto de questões institucionais e organizacionais concretas. A partir desse momento, Lukács ofereceria novo tratamento às categorias de *mediação e totalidade*.

Em linhas gerais, seria possível observar que Lukács se aproxima da apreensão da “totalidade” como “totalidade concreta” (caminho iniciado em 1926, em *Moses Hess e os problemas da dialética idealista*, mas que também compreende *O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista*, concluído em 1938, e a conferência pronunciada no Congresso de Filósofos Marxistas, realizado em Milão, em 1947). Ao mesmo tempo, o autor tinha convicção da necessidade de encontrar mediações para os problemas – da vida social e das circunstâncias político-intelectuais – que não poderiam ser enfrentados diretamente. Apesar de reconhecer a importância fundamental das mediações, os limites das realizações

⁵ A essa altura, Lukács encontrava-se num processo de transição de Kant para Hegel, sem, contudo, alterar sua relação com os métodos das chamadas ciências do espírito; essa relação se baseava essencialmente nas impressões do jovem Lukács construídas no contato com os trabalhos de Dilthey, Simmel e Max Weber.

filosóficas de Lukács teriam sido estabelecidos pela impossibilidade de superação da fratura entre a imediaticidade (da situação sociopolítica vivenciada) e o mediato (concernente às perspectivas universais do socialismo).

Segundo a abordagem meszariana, nas décadas de 1920 e 1930⁶, a evolução política de Lukács é profundamente afetada por uma série de fatores: o fracasso da revolução socialista em escala mundial; o isolamento da revolução socialista na União Soviética, seguida de mudanças internas como resultado da ascensão de Stalin; a restrição sobre a atuação da tendência política defendida por Lukács no interior do Partido Húngaro e a derrota das *Teses de Blum*, em 1928; a desintegração prática dos conselhos operários e dos sindicatos como formas de mediação política; a perda da função mediadora do partido, na sua adaptação às exigências das políticas stalinistas. A maneira como Lukács enfrentou tais circunstâncias revelaria as contradições entre a imediaticidade das perspectivas políticas e a universalidade do programa socialista lukacsiano.

A perspectiva de Lukács, na visão meszariana, foi comprometida pela ausência de forças mediadoras sociopolíticas e de instituições no desenvolvimento soviético. No campo restrito do “socialismo em um só país”, a lacuna entre a imediaticidade e o programa geral do marxismo teve que ser preenchida pela atribuição do papel de mediação à própria moral. De modo que a categoria da mediação não pôde ser plenamente saturada de concreção, inviabilizando a superação da dualidade entre “ser” (a prática objetivamente viável) e “dever-ser”, além de fragilizar a própria categoria de “totalidade concreta”. Porém, Mészáros ressalta que Lukács nunca deixou de defender os valores e as metas socialistas.

Em *O conceito de dialética em Lukács*, Mészáros destaca, além de *História e consciência de classe*, as obras lukacsianas sobre Bukharin, Lassale, Moses Hess e Lenin como as mais relevantes da década de 1920. Observa ainda que a partir dos anos 1930 Lukács voltou-se para a produção de ensaios literários, mas sob uma perspectiva fundamentalmente distinta daquela que prevaleceu antes de 1917. Com isso, Lukács pretendia uma síntese estética geral, ideia que acabou sendo interrompida por importantes mudanças no cenário socialista pós-1930, mas que ainda seria explorada no final da década de 1950. Mais tarde, na década de 1960, sob condições sócio-políticas diferentes e orientado por novos desafios históricos (o renascimento do marxismo, por exemplo), Lukács pretendeu empreender uma

⁶ A partir dos anos 1930 – na sequência das *Teses de Blum*, que resultou no seu afastamento da prática política –, Lukács voltou-se para a produção de ensaios literários, mas sob uma perspectiva fundamentalmente distinta daquela que prevaleceu antes de 1917. Com isso, Lukács pretendia uma síntese estética geral, ideia que acabou sendo interrompida por importantes mudanças no cenário socialista pós-1930, mas que ainda seria explorada por Lukács no final da década de 1950.

nova síntese do seu pensamento. Resultam desse período sua *Estética* (concluída em 1962 e publicada no ano seguinte), que aborda questões centrais da dialética materialista, e os estudos que culminariam em *Para uma ontologia do ser social* e nos *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*.

O livro ora resenhado ainda é enriquecido por dois apêndices: *A verdade de uma lenda*, artigo publicado em 1971, e *György Lukács: a filosofia do 'tertium datur' e do diálogo coexistencial*, datado de 1957. Em ambos, seguindo a mesma linha de *O conceito de dialética em Lukács*, Mészáros busca expor a trajetória de Lukács e seu tratamento sobre a dialética.

Decorridos mais de quarenta anos da sua redação, *O conceito de dialética em Lukács* se mantém relevante e constitui leitura necessária tanto para a compreensão do conjunto da obra lukacsiana quanto para a continuação do debate crítico proposto por Mészáros.